

Uso com propósito

Tendência da beleza consciente ganha força com fórmulas veganas, mudanças na legislação e consumidores atentos à sustentabilidade

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Os cosméticos veganos ganharam espaço nas prateleiras e nas rotinas de beleza de milhões de consumidores, deixando de ser um nicho para se tornar uma escolha popular. Esse movimento representa uma nova era de consumo consciente, que alia autocuidado, saúde e responsabilidade socioambiental, refletindo uma mudança nos valores e prioridades dos consumidores.

O Brasil figura entre os principais mercados consumidores desse segmento, impulsionado pela crescente conscientização sobre bem-estar animal, sustentabilidade e escolha por fórmulas mais limpas. Globalmente, o setor está avaliado em US\$ 15,1 bilhões e, segundo relatório da MarketGlass, deve ultrapassar US\$ 21 bilhões até 2027, crescendo a uma taxa anual de 5,1%. China, Estados Unidos, Japão e Canadá lideram a expansão, mas o comportamento do consumidor brasileiro segue em sintonia com essa onda.

“Esse mercado é muito promissor, com crescimento constante no Brasil e no mundo. O público está cada vez mais informado e exigente, buscando transparência nas formulações”, afirma a esteticista e cosmétologa Cíntia Persegona, professora de estética e cosmética do Centro Universitário Uniceplac.

Nova lei fortalece consumo ético

Em 2024, a aprovação da Lei nº 14.816 marcou um divisor de águas para a indústria nacional da beleza. A norma proíbe o uso de animais vivos



Esmalte Risqué Bio Vegano, na cor Oceano Azul (R\$ 6,50)



Creme Hidratante Facial com Vitamina C Oce'ane - Cruelty free (R\$ 59,90)



Base Líquida Matte Vizzela Cruelty Free (R\$62)



Dailus hipoalergênico Agora que sou free, na cor Nunca errou (R\$ 10,90)



Pincipia Protetor Solar FPS60 não testado em animais (R\$ 44)



Blush Stick Daily Nina Secrets - Cruelty Free (R\$ 44,99)

em testes laboratoriais de cosméticos, perfumes e produtos de higiene pessoal. A partir de agora, os lançamentos precisam comprovar segurança por métodos alternativos, como simulação de pele e computacionais, além de testes in vitro. Produtos que foram testados antes da lei podem continuar sendo vendidos, mas não poderão exibir selos de ausência de crueldade.

Para a dermatologista Regina Buffman, a legislação não apenas garante avanços na proteção animal, mas também dá respaldo para que o consumidor cobre mais transparência das marcas. “O papel do dermatologista é ajudar o paciente a alinhar seus valores éticos às necessidades da pele, evitando escolhas que possam comprometer a saúde cutânea”, explica.

O que diferencia um cosmético vegano

Ao contrário dos convencionais, produtos veganos excluem qualquer ingrediente de origem animal — como lanolina, colágeno bovino, cera de abelha ou queratina animal — substituindo-os por compostos vegetais ou biotecnológicos. Entre os ativos com eficácia comprovada, Regina cita o bakuchiol (alternativa vegetal ao retinol), extratos de soja, óleo de semente de uva, óleo de jojoba e ceramidas vegetais fermentadas.

No entanto, ela alerta que a ausência de ingredientes de origem animal não significa, necessariamente, que o produto seja menos prejudicial para a pele. “Mesmo produtos veganos podem conter ativos que irritam peles sensíveis, como certos óleos